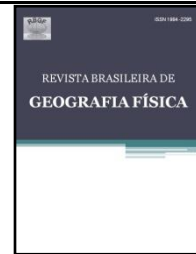




ISSN:1984-2295

# Revista Brasileira de Geografia Física

Homepage: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/>



## Seca no Semiárido Baiano e o Hidrometeoro (Chuva) no Contexto da Mídia Impressa do Estado da Bahia

Rafael Vinícius de São José-Universidade Estadual de Campinas, [rafauniversitario16@hotmail.com](mailto:rafauniversitario16@hotmail.com) (autor correspondente); Priscila Pereira Coltri-Universidade Estadual de Campinas, Roberto Greco-Universidade Estadual de Campinas; Ivonice Sena de Souza-Universidade Estadual de Campinas

Artigo recebido em 06/02/2019 e aceito em 09/01/2020

### RESUMO

A mídia cada vez mais tem se encarregado de divulgar informações relacionadas aos fenômenos climáticos e meteorológicos, assim como, também, é crescente o número de pesquisas que buscam investigar a forma como os temas referentes ao clima, ao tempo e ao comportamento deles vem sendo apresentado nas diversas mídias (jornais, revistas, rádio, internet, televisão). Sendo assim, a presente pesquisa buscou analisar as notícias relacionadas ao hidrometeoro (chuva), na região do semiárido baiano, no período de 2012 a 2015, publicadas pelos jornais (Correio da Bahia e A Tarde) de grande circulação no Estado da Bahia. Observou-se que as notícias fazem apologia a expectativa da chuva, e que muitas delas colocam que o sofrimento da população está diretamente conectado ao fenômeno climático. Os adjetivos utilizados pela mídia aos eventos climáticos são pejorativos e favorecem para a construção de um significado equivocado sobre o clima da região.

Palavras-chave: período de estiagem; análise do conteúdo, jornais.

## Drought in the Semiarido Baiano and the Hydrometeor (rainfall) in the context of published media in the Bahia State

### ABSTRACT

The media has been in charge of disseminating information related to climatic and meteorological phenomena, as well as increasing the number of researches investigating how the themes related to climate, weather and their behavior, have been presented by the media (newspapers, magazines, radio, internet, television). Therefore, this research aimed to analyze the news related to the hydrometeor (rainfall), in the region of Bahia's semiarido, from 2012 to 2015 period, published by two newspapers with a great circulation in the State of Bahia (Correio da Bahia and A Tarde). We observed that most of the news reported the expectation of rain and, generally, they highlight that the population misery is directly connected to the climatic phenomenon. The adjectives used by the media to the climatic events are depreciatory and negative promoting a wrong concept about the region's climate.

Keywords: Dry season; content analysis; newspaper.

### Introdução

A seca pode ser provocada pela redução da chuva, aumento do processo de evaporação, redução dos lençóis freáticos ou alterações na cobertura do solo (Marengo & Bernasconi, 2015).

Segundo Conti (2011), as secas ocorrem quando existe insuficiência de água no ambiente. Ou seja, o volume de precipitação não é capaz de repor a água pelos elevados índices de evaporação e evapotranspiração. Podem ser um fenômeno simplesmente pontual ou assumir grande extensão espacial, produzindo consequências críticas nas áreas carentes e subdesenvolvidas. Além disso,

quando afetam áreas produtivas e densamente povoadas resultam em graves danos tanto no ambiente social quanto no quadro econômico. (Conti, 2011).

A seca se diferencia de forma nítida das demais catástrofes naturais, geralmente, tem início lento, é mais duradoura e se espalha por uma área extensa em relação a eventos naturais como cheias, furacões e terremotos, os quais começam e terminam repentinamente (Freitas, 2008).

Do ponto de vista ambiental, as áreas geográficas de maior risco são as semiáridas,

geralmente situadas na periferia dos grandes desertos. No Brasil, o território do Nordeste apresenta uma extensa área semiárida que está sujeita a periódica ocorrência de estiagens severas (Conti, 2011).

A região do semiárido, geralmente, é vista como um lugar de seca, pobreza, fome, dentre outras mazelas, e o clima vem sendo considerado pela opinião de diversos atores sociais (mídia, Estado e cidadãos comuns, dentre outros), o fator determinante deste quadro vulnerável. As imagens do semiárido divulgadas pela mídia, como clima, sempre foram distorcidas. Difundi-se a ideia de uma região árida e não semiárida, como se não do assunto, como nos trabalhos de Nunes (2016), Nunes (2006), Armond e Sant'Anna Neto (2012), Steinke et al. (2006), Steinke (2012), Boycoff e Boycoff (2007), Ely (2008), Maia et. al. (2012) e Sousa e Sant'Anna Neto (2003). Tais estudos abordam a preocupação da comunidade científica de como os meios de comunicação divulgam as informações sobre fenômenos associados ao clima e ao tempo meteorológico. Sendo assim, busca-se ao longo dessa perspectiva analisar as notícias publicadas pelos jornais baianos, "Correio da Bahia" e "A Tarde", relacionadas com o hidrometeoro – chuva – no contexto da seca, no semiárido da Bahia.

## **Material e métodos**

### *Área de Estudo*

O semiárido baiano abrange 265 municípios em 391 mil km<sup>2</sup>, cerca de 2/3 do Estado

precipitasse e as estiagens durassem anos (Malvezzi, 2007).

Tendo em vista essa realidade e, sobretudo, por acreditar que esse status negativo que atribuíram ao clima regional, contribui apenas para a perpetuação dos problemas estruturais dessa região, faz-se necessário estudos que contribuam para o enfraquecimento, e conseqüentemente, rompimento desse discurso.

Pesquisas recentes têm demonstrado à relevância da mídia como propagadora de informações de temas climatológicos e meteorológicos. Porém, nem sempre essa difusão acontece de maneira clara, objetiva e sem distorção da Bahia (Figura 1), contendo cerca de 7 milhões de habitantes, dos quais 53% vivem no espaço urbano (Silva, 2015). A caatinga é a formação vegetal que predomina na região. Esse bioma, por sua vez, caracteriza-se por espécies xerófilas, lenhosas, decíduais, geralmente, espinhosas, com ocorrências de plantas suculentas e áfilas, de padrão tanto arbóreo quanto arbustivas (Silva, 2015). O semiárido baiano apresenta temperaturas médias entre 25 e 29°C, com elevado nível de evaporação. Possui precipitação média anual de 650 mm, ocorrendo de maneira torrencial e má distribuída. Há a existência de longos períodos de seca. Sua paisagem é formada por relevos baixos, desgastado, arrasado; áreas deprimidas, pediplanadas com a presença de inselbergues, ou seja, relevos residuais (SEI, 2009).

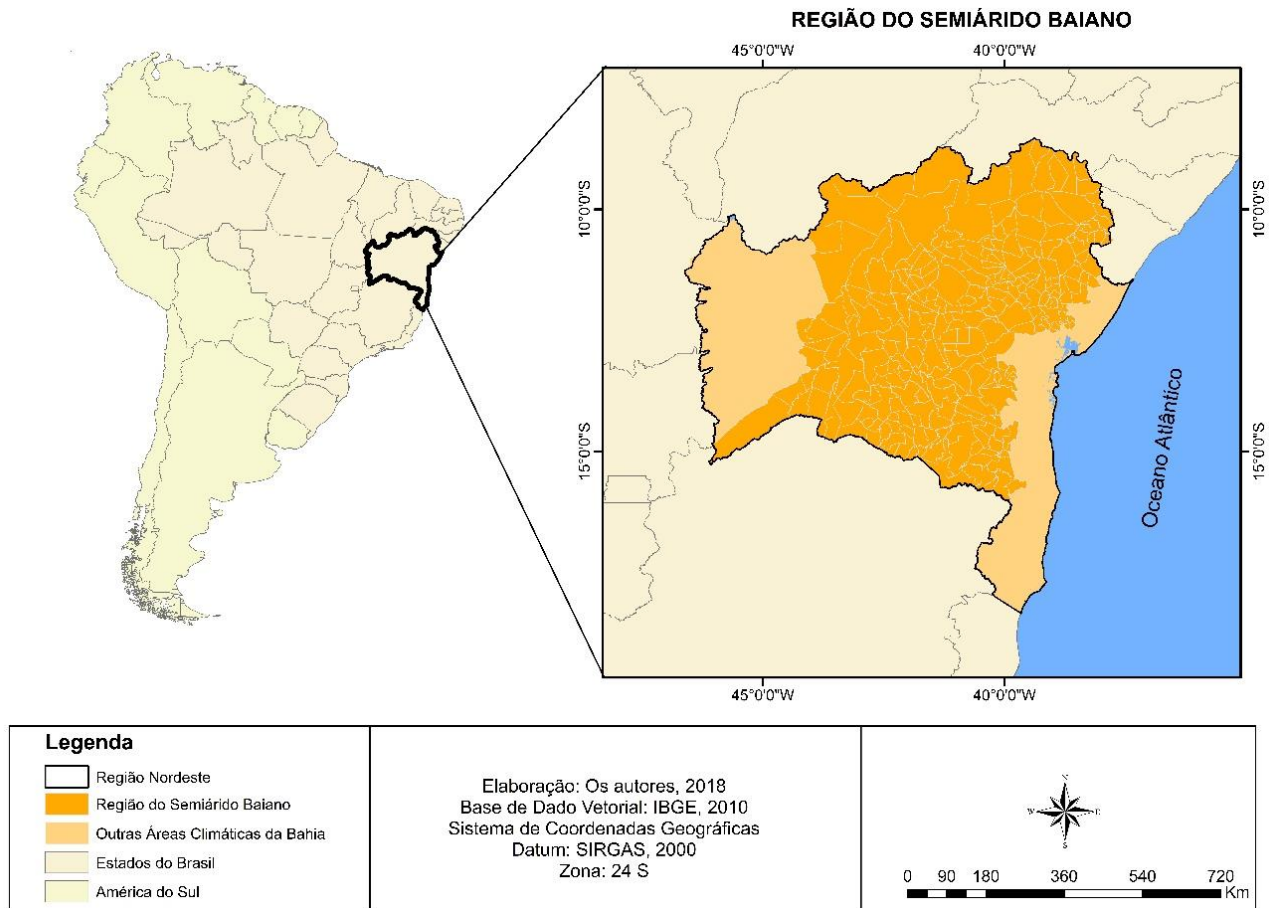


Figura 1 – Estado da Bahia, nordeste do Brasil, com destaque (em laranja) para a região do semiárido baiano.  
Fonte: Os autores, 2018

A metodologia do trabalho foi dividida em três etapas que se complementam entre si e serão apresentadas separadamente: (i) dados pluviométricos da região do semiárido, (ii) coleta das notícias difundidas pela mídia em 2012-2015 e (iii) análise dos dados pluviométricos e midiáticos. O trabalho foi realizado na região do semiárido da Bahia.

Etapa 1- Dados pluviométricos da região do semiárido: Foram utilizados dados de precipitação da Agência Nacional das Águas (ANA). Utilizou-se as séries disponíveis desde 1961, em escalas anual e mensal e calculou-se a normal climatológica.

Os dados meteorológicos dos seguintes municípios baianos (localizados no semiárido da Bahia) foram extraídos da Agência Nacional de Águas (ANA) no período de 1982 a 2015: Abaré, Andaraí, Brotas de Macaúbas, Candido Sales, Carinhanha, Cipó, Cocos, Coribe, Curaça, Ibipeba, Ibotirama, Inhambupe, Itaeté, Itaguaçu da Barra, Jequié, Juazeiro, Lençóis, Miguel Calmon, Morporá, Oliveira dos Brejinhos, Planalto, Piritiba,

Queimadas, Rafael Jambeiro, Santa Inês, Santana, Sítio do Mato, Tanhaçu, Tucano e Vitória da Conquista. A partir dessa seleção, verificou-se, quais desses municípios tinham uma série de dados de precipitação com menos de 5% de falhas e o mais longo possível. Assim, trabalhou-se com dados de precipitação, diários, de 1982 até 2015, totalizando 33 anos de dados, gerando a “normal climatológica” mais atualizada. A somatória dos dados diários resultou no total mensal de cada ano, e, a partir desses dados, realizou-se a média anual e geral, de cada um dos municípios que compõe a região. A precipitação de cada ano foi comparada entre média geral (1982-2015), a fim de verificar a variabilidade anual da chuva. Com essas análises, pode-se encontrar os anos mais secos da série (1982-2015), o comportamento mensal e o total anual da chuva na região, caracterizando o regime pluviométrico do semiárido baiano.

Etapa 2- Coleta das notícias difundidas pela mídia em 2012-2015: A seleção dos jornais foi norteada pelos critérios de circulação, edição e

opinião (jornais formadores de opinião pública em escala regional). Sendo assim, os jornais **Correio da Bahia** e o **Jornal a Tarde**, foram selecionados por atenderem os critérios. Analisou-se, ao todo, 249 notícias. Porém, para a elaboração deste estudo analisamos apenas as notícias relacionadas com a chuva no contexto da estiagem, publicadas pela mídia. Adicionalmente tais notícias foram analisadas qualitativamente a partir da Análise de Conteúdo.

A análise de conteúdo consiste em uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, possibilitando gerar inferências do conteúdo (de forma prática e objetiva) da comunicação de um texto reaplicáveis ao seu contexto social (Caregnato & Mutti, 2006).

## Resultados e discussão

Houve uma prolongada seca que se intensificou em 2012 e ampliou em 2015 foi considerada a mais grave das últimas décadas e provocou impacto em vários distritos das regiões semiáridas nos estados do Nordeste, afetando quase 9 milhões de pessoas (Marengo et al., 2016).

Segundo Buriti e Barbosa (2018), o referido evento se prolongou até 2016, adquirindo características excepcionais no que diz respeito a sua duração, frequência e severidade. No semiárido do Estado da Bahia, a figura 2 mostra que a seca começa a se instalar na região em 2011 e se agravando em 2012.

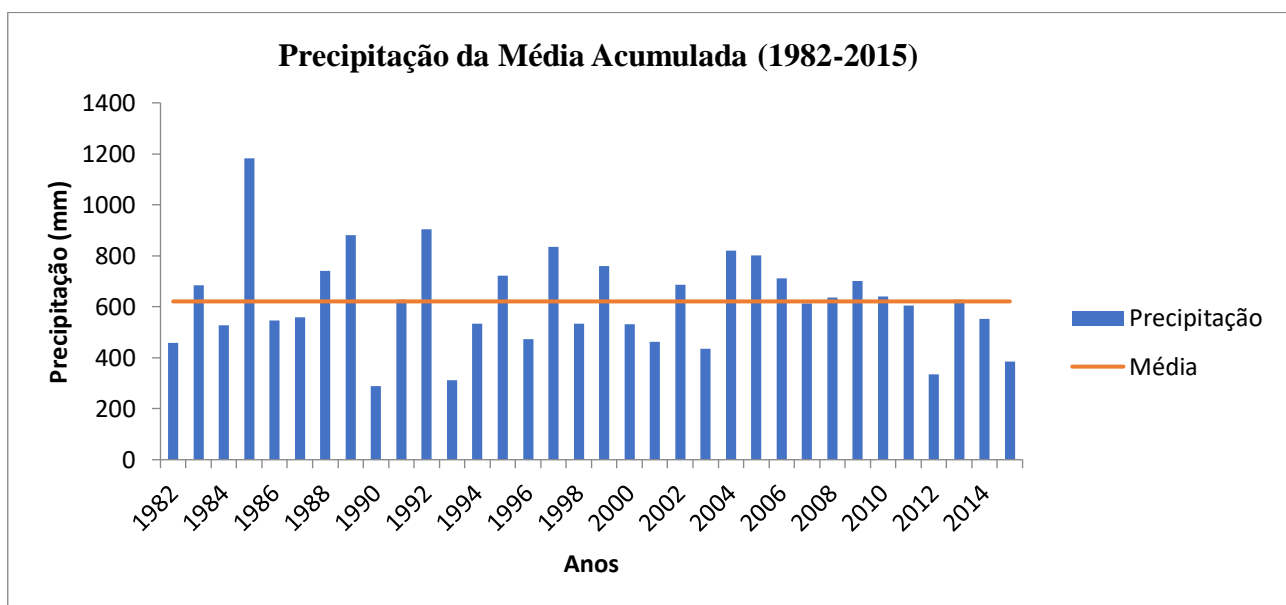


Figura 2 – Média Anual do Semiárido (1982-2015) (linha laranja) comparada com os dados anuais de precipitação da região (linha azul). Fonte: Os autores, 2018

Durante a seca, no Estado da Bahia, mais precisamente no território semiárido deste estado, os jornais de grande circulação noticiam o agravamento da seca que afeta a região, conforme é possível observar na Figura 2, os anos de 2012 a 2015, com precipitação inferior à média. As secas, em áreas pobres e sem infraestrutura, como, também, sinalizam Conti (2011), causam inúmeros prejuízos aos governos municipais, setores econômicos, industriais e comunidades, de modo geral.

Nessa situação de adversidade climática, os jornais buscaram relatar à população baiana sobre a seca, com divulgação de matérias de diversas naturezas e procuram entrevistar tanto as autoridades do Estado, órgãos relacionados a serviços meteorológicos, como cidadãos comuns.

As reportagens sobre esse evento climático perpassam por diversos temas, como saúde, economia, racionamento de água, agricultura, pecuária, fluxo migratório, cesta básica. Nota-se que tais reportagens dão enfoque especial para determinadas questões.

Um das destas questões são as medidas adotadas e proporcionadas pelo Estado para mitigar os efeitos da estiagem, se dedicando, na maioria das vezes, à descrição das ações governamentais, na época da estiagem. A outra questão, que objeto de estudo desta pesquisa, refere-se à política da chuva (precipitação) no semiárido baiano.

A precipitação, principal mecanismo físico de restabelecimento dos recursos hídricos, é o processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge a superfície terrestre em função da força de gravidade (Machado & Torres, 2012). A

precipitação atinge a superfície da Terra na forma líquida – chuva ou chuveiro – ou sólida, como granizo, saraiva ou neve (Machado & Torres, 2016).

As matérias relacionadas à chuva, na época da seca, divulgadas pela mídia, dão margem para que se construa a ideia de que os problemas do semiárido são oriundos da falta de chuva e que a chuva é a solução da região, como se pode observar nas matérias, abaixo:

“Assim como os moradores de Formosa, habitantes de outras 142 cidades são atingidos pela estiagem e esperam a chuva. Isso significa que mais de 1,8 milhão de pessoas sofrem com a falta d’água na Bahia neste momento.” (CORREIO DA BAHIA, publicada em 07 de novembro de 2015);

“ESTIAGEM – Gente simples de região devastada pela falta de chuva resiste com criatividade e perseverança, sem perder a esperança na divina providência” (A TARDE, publicada 15 de abril de 2012);

“... as chuvas que caíram até agora não são suficientes para resolver problemas como a falta de água –74dos 362 municípios atendidos pela Embasa estão com racionamento A TARDE, publicada em 17 de janeiro de 2013).”

“As chuvas que caíram na região do Rio São Francisco também não foram suficientes para resolver os problemas da pior estiagem das últimas quatro décadas.” (A TARDE, publicada dia 03 de março de 2013).

Reportagens com esse conteúdo apenas fortalecem a política, ainda vigente, da expectativa de chuva, que simplesmente distorce a realidade do semiárido. É característico da região do semiárido nordestino a escassez de chuva, com médias anuais inferiores a 800 mm, além de apresentarem, enorme variabilidade interanual (Conti, 2011),

Tais notícias podem, direta ou indiretamente, contribuir para alimentar a visão construída por moradores da região semiárida, que a insuficiência e a irregularidade na distribuição de chuvas estão associadas às divindades.

Algumas notícias sobre o tema Seca, além de adjetivá-la com termos que caracterizam a natureza como perversa e atroz, elege esse fenômeno físico como a causa determinante dos problemas regionais de cunho social e econômico, como, por exemplo:

“No semiárido, apesar das chuvas, a estiagem continua provocando transtornos.” (A TARDE, publicada em 23 de abril de 2013); “A

espacial e temporal. As características pluviométricas locais, associada à elevada amplitude térmica, são fatores limitantes para algumas atividades econômicas, como por exemplo, a agricultura (Conti, 2011), fonte de subsistência para uma boa parte da população dessa região.

As notícias divulgadas, no entanto, não entendem a realidade climática local e alimentam a ideia de que com a falta de chuva a fome, a miséria e a pobreza atingem o semiárido e, com a chuva, esses problemas supostamente desapareceriam. É como o semiárido morresse quando não chove e ressuscitasse com a chuva.

Conforme analisado por Nunes (1988) há uma expectativa constate por chuva na região:

“se chove, o governo se alivia; se estia, apela-se para os planos de emergência” e com base nas análises das notícias, é o predomínio da expectativa da chuva que é divulgada para a massa. Como, por exemplo, cita-se a publicação do dia 07 de novembro de 2015: “Enquanto a chuva não vem, prefeitos tentam socorrer a população com carros-pipa, poços artesianos e maquinário como bombas, motores a diesel, filtros de pressão e tubos de PVC.” (CORREIO DA BAHIA).

Nunes (1988), já abordava que “a falta de chuvas não é a única ou principal causa da miséria e fome, mas a causa é o modo pelo qual a sociedade se adaptou a ela. Mesmo quando há chuva, a miséria e a fome continuam”.

Constata-se, também, a existência de notícias que mistificam o fenômeno climático, apelando, inclusive, para a questão da divindade, como no caso da matéria publicada dia 15 de abril de 2012 pelo A TARDE, em destaque acima, e esta: “Mas a ajuda do céu para Formosa do Rio Preto, Extremo-Oeste baiano, não conseguiu melhorar em nada a situação da cidade diante da seca.” (CORREIO DA BAHIA, publicada dia 07-11-15). realidade é cada vez mais grave e impiedosa. A seca que atinge a Bahia, considerada a pior dos últimos 50 anos, chegou ao seu ponto mais devastador, levando o produtor rural baiano ao fundo do poço” (A TARDE, publicada em 21 de março de 2013).

A forma como a mídia divulga as informações adultera a realidade do semiárido, região altamente complexa. A irregularidade da chuva pode ser até um fator que dificulta, mas não impede a convivência na região.

Questões como, processo de ocupação do semiárido, práticas agrícolas inadequadas, exploração predatória dos recursos naturais,

concentração de terra, a indústria da seca, o privilégio das oligarquias, maiores investimentos na agricultura do que na agricultura, o elevado índice de evaporação, o desperdício das águas pluviais que escoam pelos rios intermitentes da região, a falta de investimentos em tecnologias de captação a água pluvial, a hegemonia do combate à seca em detrimento da convivência com o semiárido, a gestão dos recursos hídricos que precisa ser democratizada (Buriti & Barbosa, 2018; Malvezzi, 2007; Silva, 2003; Santos & Nunes, 1988), dentre outras, não aparecem nas reportagens, não são objeto de manchetes, mas são as principais responsáveis pela pobreza, miséria e atraso regional.

O problema não é em si as estiagens, o clima, a irregularidade das chuvas, mas sim a forma como se deu a organização desse espaço, fato esse que não é abordado pela mídia. Segundo Buriti (2010), as dificuldades impostas pelas estiagens nessa região decorrem, principalmente, pelo fato da maior parcela da população fazer parte de um modelo econômico altamente dependente das chuvas, como, por exemplo, a agricultura familiar.

## Conclusão

A partir das notícias analisadas entre os anos de 2012 a 2015, em dois grandes jornais impressos de circulação no Estado da Bahia (Jornal Correio da Bahia e A tarde), pode-se observar que os jornais abordam dois grandes eixos: (i) que a seca não é natural e (ii) que a seca é responsável pelas mazelas sociais.

Em relação ao primeiro eixo, os jornais não relatam de forma fidedigna a variabilidade natural das precipitações locais, distorcendo a realidade do semiárido, mistificando as notícias e adjetivando a seca de forma pejorativa. O que, por sua vez, dificulta a circulação de informações corretas à população.

O segundo ponto aborda o fato de que grande parte das notícias associa a pobreza local e a falta de estrutura à seca, mas não divulgam que o problema não é o clima ou a irregularidade das chuvas, mas sim a forma como se deu a organização desse espaço em termos históricos, sociais, culturais e políticos. Grande parte das dificuldades impostas pelas estiagens nessa região decorre, principalmente, do modelo econômico adotado para o desenvolvimento regional.

## Referências

Armond, N. B; Sant'Anna Neto, J. L. Utilização de mídia impressa na identificação e análise de

episódios extremos de chuva no município do Rio de Janeiro. *Revista GeoNorte*, v. 1, p.774-785, 2012.

A Tarde. Luta pela sobrevivência revela personagens com lições de força e fé. Edição de 15 de abril de 2012.

A Tarde. Seca: frente fria ainda não fez chover o suficiente para acabar com a falta d'água. Edição de 17 de janeiro de 2013.

A Tarde. Clima: Apenas na região de Feira de Santana são dez municípios atingidos. Edição de 03 de março de 2013.

A Tarde. Reivindicação: Gestores afirmam que correm risco de não investir nem honrar compromissos. Edição de 21 de março de 2013.

A Tarde. Visita: Providências serão apresentadas pela presidente Dilma no sertão de Pernambuco ao lado do governador/ Governo lança pacote de medidas contra a seca na 2ª. Edição de 23 de abril de 2013.

Boycoff, M.T; Boycoff, J. M. Climate change and journalistic norms: A case-study of US mass-media coverage. *Geoforum*, v.38, n.6, p.1190-1204. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718507000188>>. Acessado em novembro de 2017.

Buriti, C. O; Barbosa, H. A. Um século de secas: por que as políticas hídricas não transformaram o semiárido brasileiro? São Paulo: Chiado Editora, 2018.

Buriti, C. O. Imaginário social, semiárido e representação da natureza na obra *Vidas Secas*: interfaces entre literatura, ambiente e história. Dissertação de Mestrado em História, UFCG, 2010.

Caregnato, R. C. A.; Mutti, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso Versus Análise de Conteúdo. Florianópolis, 2006.

Conti, J. B, 1937- Clima e meio ambiente. São Paulo: Atual, 2011.

Correio. Seca atinge 1,8 milhão de baianos em 143 cidades. Edição de 07 de novembro de 2015.

Ely, D. F. Eventos climáticos e mídia impressa em Londrina (PR): Construindo uma abordagem a partir da análise do discurso. In: *Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica*, 8, Alto Caparaó (MG) p.138-151, 2008.

Freitas, M. A. S. O Fenômeno das Secas no Nordeste do Brasil: Uma Abordagem Conceitual. In: *Simpósio de Recursos Hídricos do Nordeste*, 9, Salvador, 2008. Anais...Salvador: ABRH, 2008.

- Machado, P. J. O; Torres, F, T, P. Introdução á hidrogeografia. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- Malvezzi, R. Semi-Árido: uma visão holística. Brasília: confea, 2007.
- Maia, D. C. Mídia Escrita e o Ensino de Climatologia no Ensino Fundamental II. ACTA Geográfica, Boa Vista, Ed. Esp. Climatologia Geográfica, 2012.
- Marengo, J. A.; Cunha, A. P.; Alves, L. M. A seca de 2012-15 no semiárido do Nordeste do Brasil no contexto histórico. Revista Climanalise, v. 4, n. 1, 2016.
- Marengo, J. A.; Bemasconi, M. Regional differences in aridity/drought conditions over Northeast Brazil: presente state and future projections. Clim Chang 129:103 – 115. Doi: 10. 1007 / s10584-014-1310-1 CrossRefGoogle Scholar, 2015.
- Nunes, L. H. Riscos do Clima ou Riscos da Comunicação? A cobertura jornalística do furacão Sandy (2012) em um período nacional. Revista brasileira de Geografia. Ano 12- Vol.19- Jul/Dez 2016.
- Nunes, L. H. ; Candido, D. H. ; Vicente, A. K. ; Araki, R. ; Santos, F. R. N. dos; Collaço, M. M. ; Castellano, M. S. ; Barbin, N. B. C. B. Condicionantes físicos e impactos dos tornados do final de Março de 2006 no interior paulista. GEOUSP - Espaço e Tempo, n.23, 2008. p. 99-124.
- Santos, R. R. dos; Nunes, G, S. Nordeste: o desenvolvimento do homem rural. São Paulo: Nobel, 1988.
- SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia). Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>, 2009. Acesso em 14 de Agosto de 2017.
- Silva, L. T. Cultivo de milho irrigado com esgoto doméstico tratado no semiárido baiano: alternativa técnica e econômica para o pequeno agricultor / Luana Tavares Silva. – Salvador, 2015.
- Silva, R. M. A. da. Entre dois Paradigmas: Combate a seca e convivência com o Semi-Árido. Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003.
- Sousa, C. M. de; Sant' Anna Neto, J. L. A imprensa como fonte de análise da adversidade climática. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, 6, 2003, Goiânia. Anais... Goiânia: AGB?UFG, 2004. 1CD-ROM.
- Steinke, E. T. 2012. Climatologia Fácil. São Paulo: Oficina de textos,
- Steinke, E. T.; Saito, C. H.; Andrade, G. de S.; Gaspar, L. 2006. Como a mídia impressa do Distrito Federal divulga fatos relacionados ao clima e ao tempo na época da estiagem. Geografia 31, 347-357.
- Torres, F. T. P; Machado, P. J. O. 2016. Introdução a climatologia. São Paulo: Cengage Learning.